

VINÍCIUS PINHEIRO

OS JOGADORES

**DINHEIRO, SEXO E BOSSA NOVA NO CORAÇÃO
DO MERCADO FINANCEIRO**

 **Planeta**

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Vinícius Pinheiro, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Pantoja

Revisão: Laura Vecchioli, Olívia Tavares e Real Job (LabPub):
Monique D'Orazio, Daniela Toledo, Erika Pacheco, Gabriela Vescovi,
Francine Barreto

Diagramação: Anna Yúe

Capa: Tereza Bettinardi

Imagem de capa: Kasto / Adobe Stock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinheiro, Vinícius

Os jogadores : dinheiro, sexo e bossa nova no coração do mercado financeiro / Vinícius Pinheiro. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2019.
240 p.

ISBN: 978-85-422-1459-8

I. Ficção brasileira I. Título

18-1841

CDD B869.3

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Para Juliana, agora sim.



Planeta



parte I
meios



Planeta



1

bolinha de papel

São Paulo, dezembro de 2009

Saldo: R\$ 1,00

A queda foi rápida. Com a confiança de um atleta olímpico, saltei da base da piscina de encontro ao monte de notas de dez, cinquenta e cem que quase cobria a superfície da água. Em meio à cortina escurecida pela tinta do dinheiro sujo, onde permaneci enquanto o fôlego resistiu, assisti ao balé das bolhas formadas ao meu redor, mescladas às cédulas que submergiam comigo e também dançavam. Pousadas no piso de azulejo, as moedas causavam cócegas quando roçavam nos pés, como pequenas conchas na areia.

Ao emergir, tomei uma das notas de cem nas mãos. Pela primeira vez notei a imagem da garoupa no verso e me impressionei com aquele peixe de fisionomia carrancuda. Ora, de que adiantava nadar em dinheiro se não podia encher uma piscina de moedas e notas e me atirar nela? Não teria a mesma graça fazer a brincadeira só com notas menores, gastando quase nada. O prazer vinha da certeza de que aquele era um privilégio exclusivo. As garoupas, onças e araras grudavam na minha pele à medida que eu nadava, como se reconhecessem em mim um tipo de figura paterna.

À beira do deque da piscina da cobertura, perto de onde saltei, outra pilha de papéis me esperava. Eram os últimos de uma lista interminável para assinar no processo de saída do banco. A notícia já estava no *Jornal Econômico*, e, pela quantidade de chamadas não atendidas em meu telefone, a repercussão foi grande, pelo menos na bolha em que vivíamos. A repórter que publicou a notícia me ligara na tarde anterior para confirmar a informação obtida por meio de fontes tão pouco confiáveis quanto eu.

— Acabei de saber que você está fora de vez — ela disse, com a intimidade de uma velha conhecida dos tempos de bonança. Eu não só reconhecia a voz como podia imaginar o vaivém dos lábios grossos enquanto ela falava do outro lado da linha, com a excitação mal disfarçada de quem descobre uma boa história.

— Não posso dizer nada. Assinei um termo de confidencialidade, me desculpe — falei.

— Ora, vamos! Você não tem mais nada a perder.

Ela podia passar horas tentando me convencer a falar. Se eu desligasse a chamada, ela voltaria a ligar e, se desligasse o aparelho, ela daria um jeito de me encontrar.

— A essa hora você já deve saber de tudo — eu disse.

— E você vai me deixar contar a história só do outro lado? — ela questionou, valendo-se do argumento da isenção jornalística, um dos meus favoritos. Respirei fundo e tentei conter a ansiedade antes de responder.

— O que você quer ouvir? Faltam alguns detalhes burocráticos, que podem levar um tempo um pouco maior — disse, ao mirar a pilha de papéis que depois decidi atirar na piscina, junto com o dinheiro e a notificação de despejo da cobertura. — Bernardo deve estar feliz com o resultado.

— Você quase conseguiu vencê-lo.

Para ela, a questão se resumia a um combate com dois oponentes, cada qual disposto a tudo para derrotar o outro. Explicar as nuances do que estava em jogo daria tanto trabalho que preferi manter a conversa em duas dimensões.

— No fundo, sempre achei que estivesse do lado dele — respondi.

Ela não insistiu. Como toda boa jornalista, tinha o hábito de não contrariar o interlocutor, com o objetivo de ganhar a confiança e deixá-lo se enforcar com a própria corda.

— Tenho que te fazer mais uma pergunta — ela disse, deixando transparecer certo constrangimento. — Afinal, quanto você deixou na mesa pra te liberarem?

Parei para pensar na resposta. Não que eu não soubesse ou tivesse algum receio de expor todos os detalhes da transação. Sempre com o compromisso de não ter meu nome revelado, antecipei a ela vários negócios antes do anúncio oficial. Nunca por bondade ou em nome do jornalismo de qualidade. Na maioria das vezes, tive interesses envolvidos, e nem sempre econômicos. Mais importante do que o valor perdido, era o que meu gesto de desprendimento representava.

— Minha liberdade não tem preço, Bianca. E não foi um negócio tão ruim assim, depois de tudo o que aconteceu.

— Pelo que me falaram, você acaba de entregar quase de graça as suas últimas ações do banco.

De graça, não. Houve um pagamento simbólico de um real. Ao me recordar da conversa, busquei uma moeda de mesmo valor no fundo da piscina. Era difícil manter os olhos abertos, a sujeira das notas misturada ao ozônio da água causava irritação. Foi pelo tato que a reconheci, de tamanho maior e com símbolos em relevo.

— O meu coração pediu assim, só — eu disse, acompanhando a canção que tocava na vitrola, um dos poucos apetrechos que restaram no apartamento. — Suas fontes são boas. Mas aquilo não é dinheiro de verdade, não importa quantos zeros antes da vírgula você acumule — respondi a ela.

— Nunca foi só pelo dinheiro, eu sei. Por isso mesmo me parece loucura entregar suas ações.

— Foi um bom negócio — limitei-me a dizer.

Aprendi com meus colegas e sócios que jamais se deve deixar transparecer uma situação negativa. Nem mesmo quando recolhi os últimos pertences em uma caixa de papelão, deixada nas mãos do segurança do lado de fora do escritório, demonstrei algum tipo de amargura. Evitei trocar olhares com os rapazes, que na certa me olhavam de forma igualmente dissimulada enquanto fingiam trabalhar. Como em um bom ninho de abutres, deviam estar prontos para se esbaldar com um banquete à custa de minha careca. O banco reunia o ecossistema ideal para que o capitalismo em sua forma mais visceral se reproduzisse e prosperasse.

— Já pensou no que vai fazer agora? — questionou.

— Pensei que aquela fosse a sua última pergunta.

— A entrevista acabou — ela disse.

— Não sei, ainda não parei pra pensar. Mas nada muito diferente de outros na mesma situação. Ir à Justiça, talvez escrever um livro.

— Um livro de memórias?

— Só se fossem memórias póstumas, ditadas por algum espírito.

— Podia ser um livro de autoajuda. Para zumbis — ela sugeriu.



O toque insistente do telefone interrompeu o fluxo do diálogo que me voltava com todas as recordações da jornalista. Irritado, atirei-o na piscina e dei um novo mergulho. Não demorou até o aparelho entrar em curto-circuito e silenciar. Eu, ao contrário, poderia passar vários minutos sem respirar debaixo d'água, poderia até mesmo me esquecer de respirar sem perceber, no conforto das notas sujas. Bianca tinha razão: a verdade era que eu já estava morto havia muito tempo. Mas não estava sozinho.



2

desafinado

São Paulo, julho de 2002

Saldo: R\$ 0

Cheguei com quase vinte minutos de atraso à sede do Banco Internacional Global, mais conhecido no mercado financeiro pela sigla BIG. O que revelava muito sobre as aspirações de quem ali trabalhava. De volta de uma temporada de intercâmbio na Europa e acostumado à vagabundagem, o ritmo daquele que seria o meu primeiro emprego fixo parecia incompatível com a forma com que eu lidava com horários e responsabilidades. Sequer podia culpar o trânsito pela demora, naquela manhã de início de férias a Faria Lima fluía como jamais a encontrei nos anos seguintes.

Foi com um pouco de displicência que me dirigi à primeira aula do programa de trainees. Não que não precisasse do emprego. Com vinte e quatro anos de idade, entrava no último semestre do curso de engenharia civil como um aluno pouco brilhante, mais preocupado em usufruir as benesses de cursar uma faculdade pública do que em estudar técnicas de planejamento de empreendimentos ou a resistência dos materiais e a estática das construções. Um edifício que contasse com a minha supervisão dificilmente se sustentaria por muito tempo.

O curso me interessava pouco, a escolha se deu mais pela facilidade que eu tinha com cálculos em geral do que por uma afinidade com a área. Como engenheiro, imaginava que poderia desbravar o país em grandes obras de infraestrutura. Sempre gostei de viajar, e a descrição feita pela orientadora vocacional na época dizia que a profissão requeria disponibilidade para trabalhos fora do escritório.

Mesmo sem gostar do curso, jamais cheguei a ter dúvidas da escolha. O que desejava era partir logo para a prática, e depois de alguns anos ter orgulho de, quem sabe, atravessar um viaduto que tivesse construído. As oportunidades de pôr a teoria que não aprendi em prática, no entanto, eram poucas na época. Não era raro nos aventurarmos em outras áreas atrás de um emprego estável e bem-remunerado. Éramos com frequência assediados por empresas dos mais variados setores, à procura de cabeças privilegiadas. O anúncio do programa de trainees para o BIG foi apenas um dos que surgiram no mural da faculdade. Eu poderia tanto ter parado no banco como em um fabricante de sabonetes que procurasse jovens em busca de um trabalho mal remunerado, mas com a promessa de um futuro menos ordinário.

Continuar na vida de intercâmbios no exterior e festas no campus seria uma opção melhor se não tivesse recebido um ultimato dos meus pais. Eles estavam orgulhosos do filho que fizera cursos de extensão em mecânica dos fluidos em Valência e passara dois semestres flinando em universidades norte-americanas. Agora, diziam, estava na hora de encarar o mundo real, o que significava basicamente que eu precisava arrumar meios próprios de pagar as contas.

Meu estilo de vida estava longe de ser o de um monge, mas tampouco precisava de muito luxo. Nos tempos em que

vivi fora, precisei me submeter a vários subempregos para complementar a mesada dos meus pais. Foi quando aprendi, mesmo sem querer, um dos primeiros conceitos econômicos: o de que a desvalorização da moeda de um país interferia diretamente no poder de compra de sua população, na comparação com a população de outros países. Meus pais, que também gostavam de viajar e eram compradores assíduos de bugigangas em aeroportos internacionais, sentiram igualmente os efeitos de acumularem sua riqueza em uma moeda vacilante como a brasileira. Eram tempos de maior restrição, mas nada se comparado às décadas em hiperinflação, um período do qual eles se lembravam com um pavor semelhante ao de quem havia testemunhado os horrores de uma guerra.

Depois que voltei do exterior, minhas despesas deveriam ter diminuído, se não tivesse engatado um namoro logo na chegada. E se parecia razoável para meus pais sustentarem uma temporada de estudos fora, não se podia dizer o mesmo das contas relacionadas a compromissos romântico-sexuais inevitáveis em um começo de relação. Valéria era dois anos mais nova que eu e cursava o último ano da faculdade de letras. Era de uma beleza ordinária, sem atributos especiais. Do tipo que se destaca em um metrô lotado, mas que quase passa despercebida em meio à fauna da universidade, dependendo do lado da cidade universitária em que você se encontrasse. Como eram poucas as meninas nas fronteiras da Poli, era preciso procurar em outros territórios, e a “Fefeleche”, como era conhecida a faculdade de filosofia, letras e por aí vai, era um dos ambientes mais férteis para nossas investidas. Nossos modos um tanto grosseiros afastavam as mais melindrosas, que acabavam procurando um

espécime masculino mais sensível nas cercanias da FAU. O problema era que os futuros arquitetos de lá não queriam saber delas. Estavam ocupados demais correndo atrás dos engenheiros da Poli.

— Nunca ouvi falar nesse banco — disse Valéria, quando lhe falei do programa de trainees.

— Não é um banco com agências, como esses que estamos acostumados a ver. É um banco de investimentos.

— E qual é a diferença?

— Ainda não entendi bem. Na teoria, um banco normal pega o nosso dinheiro e empresta para alguém que precisa, e se compromete a devolver com juros mesmo se levar um calote do outro lado. Um banco de investimentos aparentemente faz a mesma coisa, mas sem dar nenhuma garantia.

— E por que alguém colocaria dinheiro em um banco de investimentos?

Para uma estudante idealista da área de humanas como Valéria, a ideia de que um risco maior implicava em uma perspectiva maior de ganho talvez não fosse tão óbvia. Do meu lado, apesar de o conceito ser claro, não me parecia razoável arriscar um patrimônio ganho com suor e trabalho em jogadas financeiras. Sem essa aptidão para a cobiça, imaginava que jamais poderia trabalhar em um banco, ainda mais um banco de investimentos. O anúncio do BIG só me chamou a atenção pelos requisitos exigidos, bem diferentes dos que imaginava serem necessários: fluência em vários idiomas e disponibilidade para viagens. Haveria uma seleção prévia de currículos e um teste de conhecimentos gerais, antes de uma série de dinâmicas de grupo e entrevistas com a área de recursos humanos até chegar à seleção com um alto executivo do banco.